

A instrução pelo riso em Santo Agostinho

Marcia Maria Medeiros

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Rod. Dourados/Itahum, km 12, 79800-000, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: marciamaria@uemms.br

RESUMO. Santo Agostinho autor de várias obras, entre elas a que originou este artigo, intitulada *A Instrução aos Catecúmenos*, e referenda partindo do pressuposto de que o ser humano está em peregrinação nesse mundo rumando para a Jerusalém Celeste. No livro analisado neste artigo, Santo Agostinho mostra como o catequista deve se utilizar da alegria e do riso enquanto elementos que facilitem o ensino da religião cristã aqueles e aquelas que pretendem fazer parte dela. A partir desse processo é possível perceber como o riso possui uma lógica de fundamental importância no que tange ao funcionamento das práticas sociais e culturais de um determinado grupo humano em um determinado momento histórico, servindo como ferramenta para ações práticas em torno de vários assuntos, inclusive pedagógicas.

Palavras-chave: educação, história medieval, igreja católica.

ABSTRACT. Religious instruction by amusement in St. Augustine. St. Augustine, the author of several books, including *Instruction for catechumens*, analyzed in current essay, bases his arguments on the presupposition that all human beings are on a pilgrimage towards the Heavenly Jerusalem. In the book reviewed in the present essay, Augustine shows how the catechist should use mirth and amusement as factors that facilitate the teaching of the Christian religion to people who desire to partake of the latter. Such process shows the manner amusement has a fundamentally important logic with regard to the functioning of social and cultural practices of a particular group within a given historical moment. Actually it is a tool for practical activities on several issues, especially pedagogical ones.

Key words: education, medieval history, catholic church.

Introdução

O riso também tem uma história – Jacques Le Goff

Figura exponencial do pensamento cristão, considerado um dos grandes pais da Igreja, Santo Agostinho é presença que dispensa maiores comentários e apresentações. Conhecido pelo seu livro *A Cidade de Deus*, deixou para a posteridade outra obra também importante, qual seja ela, *A Instrução aos Catecúmenos*.

No referido texto, o autor remete aos processos catequéticos que devem ser utilizados no sentido de instruir na fé os catecúmenos bem como de tornar tais processos atrativos e agradáveis. Nas sugestões pedagógicas demonstradas para tanto, Santo Agostinho enfoca as medidas que devem ser utilizadas para se evitar o enfado daqueles que escutam a instrução.

Entre os elementos apontados por ele, fica expressa a manifestação da alegria que leva ao riso ou ao risível como um dos pressupostos que articularia a construção da instrução, sendo este o elemento ordenador de momentos importantes de *A Instrução dos Catecúmenos*. Antes de proceder à análise do texto em

questão, faz-se necessário situar no contexto da Idade Média as questões que envolvem o riso e o risível, no sentido de construir o arcabouço do qual a obra de Santo Agostinho faz parte.

Dentre as obras que trabalham sobre o tema e que foram utilizadas neste artigo estão as de George Minois (2003), *“História do Riso e do Escárnio”*; José Rivair de Macedo (2000), *“Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média”*; e, Mikhail Bakhtin (2002), *“A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”*.

O Riso e o Risível na Idade Média

Segundo Jacques Le Goff, o fenômeno do riso, expressão aparentemente natural no homem é cultural e de acordo com a sociedade e a época as atitudes em relação a ele, a maneira como ele é praticado, seus alvos e formas são passíveis de transformação. Dessa forma, o riso torna-se um elemento que faz parte da sociedade e da cultura, exigindo pelo menos a interlocução de duas ou mais pessoas sejam elas reais ou imaginárias: aquele que provoca o riso, aquele de quem se ri e também, a pessoa ou pessoas com quem se ri (LE GOFF, 2000, p. 65).

No caso da Idade Média, o riso foi um dado ideológico de grande importância, a qual foi brilhantemente ilustrada por Umberto Eco no livro *O Nome da Rosa*. As atitudes em relação ao riso na Alta Idade Média (IV-X) tiveram uma preponderância muito grande da Igreja, a qual considerava esse fenômeno perigoso e, porque não consegue controlá-lo, o rejeita totalmente. Essa atitude só vai mudar em torno do século XII, quando ela subverte o fenômeno do riso, distinguindo o riso bom (admissível) do mau¹ (inadmissível): percebe-se então uma codificação da prática do riso, a qual possui grande influência da escolástica.

Jacques Le Goff faz menção a esse processo de codificação quando diz que:

O riso é um fenômeno expresso no corpo e pelo corpo. [...]. A codificação do riso e a sua condenação nos círculos monásticos resultam, ao menos em parte, de sua perigosa relação com o corpo (LE GOFF, 2000, p. 72).

Nas primeiras regras monásticas da Alta Idade Média, sobretudo no século V, observa-se que o riso surge geralmente conjugado ao silêncio (*taciturnitas*), sendo considerado o jeito mais tétrico e obscuro de se quebrar o silêncio. Dada à seriedade e a importância desse silêncio monástico que é uma virtude essencial ao monge, o riso aparece como uma forma séria de violação. Já com São Bento, no século VI, o riso evolui do domínio do silêncio que o constrange para a esfera da humildade, tornando-se o exato oposto a ela, criando assim uma nova forma de sensibilidade e emoção devocional.

Georges Minois, na obra *História do Riso e do Escárnio*, diz que a Alta Idade Média promoveu o processo de diabolização do riso. Segundo esse autor:

O Cristianismo é pouco propício ao riso. [...] o riso não é natural no Cristianismo, religião séria por excelência. Suas origens, seus dogmas, sua história o provam. Para começarmos, o monoteísmo estrito exclui o riso do mundo divino. Do que poderia rir um Ser todo-poderoso, perfeito, que se basta a si mesmo, sabe tudo, vê tudo e pode tudo? (MINOIS, 2003, p. 111).

No universo que constitui o Cristianismo, termos blasfematórios e/ou sacrílegos pesam sobre toda e qualquer brincadeira em relação ao divino. Não se deve nem se pode zombar de Deus: liberdades tomadas em relação à figura do Pai ou do Filho são veementemente condenadas.

¹Entende-se por riso mau o riso de zombaria ou o riso de escárnio. Já o riso bom poderia ser considerado o riso discreto, ou melhor, o sorriso. O latim tinha certa dificuldade para dirimir essa questão pelo problema relacionado à linguística: o grego possui duas palavras derivadas da mesma raiz para expressar o riso: *gélân* (riso natural – bom) e *katagélân* (riso malicioso – mau). O latim só possuía uma palavra (*risus*) e teve dificuldade para construir outra palavra (*subrisus*) que não necessariamente significou sorriso, mas riso à socapa, ou furtivo.

Entretanto, é preciso salientar que mesmo com a invectiva da Igreja de tornar o riso uma coisa séria, o texto bíblico possui referências abertas ao fenômeno que causava grandes discussões e era visto de acordo com a sua aplicação e medida, em alguns momentos como coisa maléfica, em outros, como atitude beatífica que iluminava o rosto daquele que acreditava na palavra de Deus. O grande dilema é que ao lado dessas invectivas existem aquelas que lhe são contrárias e que sustentam que a tristeza e as lágrimas são melhores do que o riso.

Segundo Minois, isso demonstra que o texto bíblico possui uma concepção clássica e até mesmo equilibrada do fenômeno, a qual acaba por dessacralizar o riso, que passa a não ter mais nenhuma relação com o sobrenatural. Sobre o assunto diz o autor que:

Certamente, Deus ri de tempos em tempos, mas isso é apenas uma imagem. Não há mais o riso ritual, organizado, com uma função religiosa de retorno periódico ao caos ou à idade de ouro, não mais saturnais, lupercais nem dionísicas. A concepção linear da História e do tempo proíbe, aliás, qualquer idéia desse tipo, já que a criação aconteceu de uma vez por todas. O riso é um comportamento estritamente humano, logo, alheio ao mundo divino, surgido depois da queda e que é um dos símbolos da decadência da condição humana (MINOIS, 2003, p. 120).

Em relação a esse tom contrastante do texto bíblico que equilibra o jogo entre tristeza e riso, tome-se como exemplo o livro de Jó, 40, 15-19, em que é revelado que o hipopótamo é a obra-prima da criação divina:

Contempla agora o beemote, que eu fiz contigo, que come erva como o boi. Eis que sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre. Quando quer, move a sua cauda como cedro; os nervos das suas coxas estão entretrecidos. Os seus ossos são como tubos de bronze; a sua ossada é como barras de ferro. Ele é a “obra-prima” dos caminhos de Deus; o que o fez o proveu da sua espada (BÍBLIA DE ESTUDO, 1995, p. 732, grifo nosso).

Perceber o hipopótamo como a “obra-prima dos caminhos de Deus”, é no mínimo cômico dado à expressiva figura do animal. Ademais, considerando que o Senhor criou o homem para que dominasse sobre a terra inteira, subentende-se que ele seria o ápice da Sua criação, portanto a Sua verdadeira obra-prima.

Já o livro de Eclesiastes traz a seguinte passagem:

Disse eu no meu coração: Ora, vem, eu te provarei com a alegria; portanto, goza o prazer, mas eis que também isso era vaidade. Do riso disse: Está doido; e de alegria: De que serve esta? (BÍBLIA DE ESTUDO, 1995, p. 877)².

²Entretanto o mesmo livro no capítulo 3, versículo 4, traz o seguinte epíteto “tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de saltar”. A partir

Exemplos bíblicos, a parte, existiram uma grande questão sobre o riso que movimentou o pensamento intelectual da Idade Média, pelo menos no período em questão analisado neste artigo, qual seja ela: havia Jesus Cristo rido em algum momento de sua vida? Caso a resposta fosse positiva, em sendo Cristo um modelo perfeito de homem, o riso não poderia ser condenado. Entretanto, se a assertiva não fosse verdadeira, o riso de fato seria uma manifestação diabólica criada pelo Demônio com o intuito de fazer o homem se perder das sendas da fé verdadeira.

Minois trata esse assunto da seguinte maneira:

O tom é nitidamente mais grave no Novo Testamento. Mesmo que o mito de que “Jesus nunca riu” só se tenha desenvolvido no fim do século IV, com João Crisóstomo, é preciso admitir que os Evangelhos, os Atos e as Epístolas são muito severos em relação ao riso. Não fazem nenhuma menção de riso em Cristo (MINOIS, 2003, p. 120).

Vale ressaltar que as epístolas de Paulo, Tiago e Pedro, por exemplo, possuem passagens nas quais o riso é condenado³. Destarte, percebe-se que, no Novo Testamento, quando se fala de forma explícita sobre o riso, existe um tom de condenação: ele é tido por uma zombaria ímpia e/ou sacrílega. Não se vê o riso como um elemento positivo: daí a ideia de que Cristo nunca riu, e se Ele não riu os cristãos do mundo inteiro deveriam imitá-lo. Minois se refere da seguinte forma ao assunto:

[...] qualquer apresentação de Sua vida [de Cristo] que saia do esquema oficial definido nos Evangelhos, que questione esse ou aquele aspecto de sua obra, que lhe confira, por exemplo, uma sexualidade normal, é imediatamente submetida ao anátema, como o ilustra a série de livros e filmes censurados com esse pretexto. O Cristianismo afirma que Jesus é inteiramente homem, mas lhe recusa as particularidades da natureza humana, tais como o riso e o sexo (MINOIS, 2003, p. 123).

Some-se a isso o fato de que os grandes Santos monásticos constantes nas hagiografias não riam, passando a sua vida terrestre em uma profunda tristeza ou na total impassibilidade. Assim, vai se construindo a ideia de que a verdadeira alegria é oposta ao riso, tornando-se o êxtase o qual é reservado para uma elite monástica, marcada pela beatitude celeste, um privilégio dos poucos eleitos. Esse comportamento exclui o riso, visto como

elemento próprio do homem decaído e pecador, constituindo-se ele próprio em um pecado.

Diante das questões expostas até o presente momento, aufere-se que, para os primeiros cristãos o riso é um elemento diabólico, atitude que se inscreve dentro de uma mentalidade apocalíptica, marcada por uma obsessão em relação ao Demônio e suas ações, na qual se situa o Cristianismo nascente. Nesse contexto de luta do bem contra o mal, não existe lugar para o riso.

Não houve quem melhor contribuísse para a demonologização do riso que os Pais da Igreja e, embora em A Instrução dos Catecúmenos Santo Agostinho denote a importância da alegria para instruir na fé, ele foi um dos pensadores deste período (junto com Tertuliano, Santo Ambrósio, entre outros) que condenou o riso como sendo um elemento desprezível. Entretanto, o Bispo de Hipona reconhecia que o mesmo era uma faculdade humana.

Santo Agostinho e a Instrução dos Catecúmenos

A Instrução dos Catecúmenos constitui-se em uma obra que retrata o gênio teológico e a profunda percepção psicológica de Santo Agostinho. O livro possui uma vasta enumeração de conselhos e técnicas isoladas para a instrução daqueles e daquelas que buscavam abraçar o Cristianismo, marcando um ponto importante nesses primeiros tempos de evangelização.

O texto surgiu pelo pedido feito ao Bispo de Hipona, por Deogratias⁴ pois o mesmo dizia em sua solicitação que por vezes, ao realizar o processo de catequização, ele percebia que o auditório que o ouvia se enfadava, quando não ele próprio. Por isso, solicita que Santo Agostinho lhe diga que instrumentos utilizar para evitar esse problema.

Para solucionar o problema do irmão na fé, Santo Agostinho divide a sua obra em três partes quais sejam elas: como conduzir a narração; a arte e os preceitos de realizar a exortação; e por fim, os meios de adquirir alegria ou bom humor.

Logo nas páginas iniciais do texto, o Santo revela aos seus leitores e leitoras o fato de que é ouvido com maior prazer a pessoa a quem o próprio trabalho agrada, pois segundo ele, “o fio da nossa elocução é tocado pela nossa alegria” (AGOSTINHO, 2005, p. 41). Percebe-se aqui o fato de que a pessoa a quem agradam suas tarefas consegue fazer com que elas se desenrolem de forma mais fácil e inteligível, tornando-se, pois agradável a

desse pressuposto é possível dizer que existe em meio à tristeza pungente um espaço para o sorriso, para a alegria e para o gáudio que dela decorre.

³Observe-se o texto da Epístola de Paulo aos Efésios, capítulo 4, versículo 5: “nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas, antes, ações de graça” (BÍBLIA DE ESTUDO, 1995, p. 905). Já o livro de Tiago, capítulo 4, versículo 9 diz que: “Senti vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, vosso gozo, em tristeza”. Já no II livro de Pedro, percebe-se que o apóstolo coloca-se em guarda contra os escarnecedores: “sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão os escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências”.

⁴Deogratias seria o nome latinizado do diácono a quem se dirige o autor do texto. Esse tipo de nome era comum na Cartago de então: observe-se como exemplo desse contexto o nome do filho de Santo Agostinho Adeodatus.

quem assiste ao processo. Realizado assim, o trabalho deleita, constituindo-se em um prazer, em um divertimento, representando a ideia de alegria em oposição à ideia de tristeza.

Do capítulo X ao capítulo XIV do livro, Santo Agostinho sugere a Deogratias como conseguir a alegria combatendo as seis causas do enfado. Ao iniciar essa preleção diz o autor:

Talvez desejes um modelo de exposição. Talvez desejes que eu te mostre com a própria obra como pôr em prática o que aconselhei. É o que farei como puder com a ajuda de Deus, antes porém falarei, como prometi, a respeito da alegria que é preciso alcançar (AGOSTINHO, 2005, p. 60).

Nesse processo, Santo Agostinho se refere ao bom humor, a alegria interior que é preciso conquistar para desempenhar bem o papel de catequizador. É necessário que aquele que ensina não se lamenta por sua preleção lhe parecer vulgar ou sem riqueza de elucubrações. Segundo o autor, pode parecer aborrecido àquele que ensina, “harmonizar, para a sensibilidade alheia, palavras improvisadas, sem saber se correspondem exatamente às idéias ou se são recebidas com proveito” (AGOSTINHO, 2005, p. 61).

Não há nada que desgoste mais ao catequizador (que aqui desempenha um papel de educador, de introdutor nas verdades da fé) do que não saber se está sendo compreendido ou não. Isso lhe causa um processo de desconfiança em seu trabalho e em sua prédica, que lhe rouba a alegria de ensinar e, portanto, enfraquece a sua exortação. Esse tipo de sentimento deve ser combatido.

Ademais, chega um momento em que aquele que ensina atinge um grau de erudição que lhe torna difícil e monótono ensinar aos catequizandos sempre as mesmas verdades: dessa forma o caminho se torna comum e quem segue por ele já não sente mais prazer em fazê-lo: isso contribui para o enfado de quem ensina.

Entretanto, Santo Agostinho exorta Deogratias dizendo:

Não que se deva ambicionar o louvor humano, mas porque vem de Deus o que ensinamos: e quanto mais amamos aqueles a quem falamos, tanto mais desejamos que lhes agrade o que lhes oferecemos para sua salvação. “Entristecemos-nos” quando tal não acontece, e nos esgotamos e abatemos na nossa marcha, como se trabalhássemos inutilmente! (AGOSTINHO, 2005, p. 61, grifo nosso).

Percebe-se na citação que Santo Agostinho deixa claro que, quando o educador não atinge seu alvo, qual seja ele, a educação do seu (as) catecúmeno (as) esse processo o entristece, pois ele não conseguiu

(ou tem o sentimento de que não conseguiu) executar a contento sua tarefa. Essa circunstância é outro vilão que lhe rouba a alegria de ensinar e quanto mais ela se instaura, mais enfraquecido fica aquele que ensina e conseqüentemente menos atrativa se torna a sua prédica. Quem não ensina com alegria não consegue executar a sua tarefa a contento. É necessário que se observe e se procure seguir sempre na tranquilidade de um bom trabalho o que traz alegria ao coração de quem educa⁵.

Outro elemento que pode trazer tristeza ao coração do catequista é o fato de que, para se fazer entender pelo seu auditório ele necessite, às vezes, baixar o nível de seu discurso, demorando-se na lentidão das palavras com o intuito de se fazer compreender. Acarreta desgosto àquele que prepara a prédica, não se fazer compreender como desejado ou como imaginou que fosse ser compreendido.

Diante desse quadro, Santo Agostinho chama a atenção ao fato de que é preciso evitar que essa tristeza se manifeste no coração de quem ensina o catecismo, pois ela denota que ele está à beira do orgulho de si mesmo e de seu conhecimento. Não se deve esquecer o exemplo das aves, para as quais “mais suave é para a mãe colocar na boca do filho pequeninos bocados mastigados que mastigar ela própria, ou engolir, maiores” (AGOSTINHO, 2005, p. 63).

É preciso salientar que, neste contexto, o Bispo de Hipona se refere ao prazer e à alegria pura (*gaudium*) que causa a quem ensina ver o progresso daquele ou daquela que aprende a lição ensinada. Ademais, some-se a isso o fato de que o retorno solícito as verdades mais simples, consolida o conhecimento das verdades mais profundas, e mesmo quem acredita já ter domínio sobre o conhecimento primário pode aprender coisas novas ao revê-lo e apresentá-lo a uma nova plateia. Nem todos os grupos de aprendizes se comportam da mesma maneira, por isso os temas devem se abordados de forma diferente o que se constitui em um desafio para o educador, salvaguardando-lhe destarte, o prazer de ensinar.

No capítulo XI, Santo Agostinho concede a Deogratias o remédio contra a segunda causa do enfado. Segundo o autor:

Preferimos ler ou ouvir preleções já prontas e melhores e por isso aborrece-nos improvisar, com resultado incerto, o que dizemos. Basta o espírito se não afaste da verdade. Se algo em nossas palavras ferir o ouvinte, o próprio fato deve ensinar-lhe até que ponto se podem desprezar os sons menos

⁵Nesse contexto, encerrando a explicação desse capítulo, Agostinho deixa uma lição magistral: “Deus ama a quem dá com alegria” (AGOSTINHO, 2005, p. 62).

corretos ou menos apropriados se a verdade for apreendida: realmente, “as palavras” soam apenas para que a “coisa” seja entendida (AGOSTINHO, 2005, p. 64, grifo do autor).

Nesse capítulo, Santo Agostinho reforça a ideia de que a verdadeira alegria daquele que ensina a catequese é perceber que suas palavras estão sendo ouvidas e entendidas (logo aceitas) pelo seu auditório. É preciso salientar que ao catequista, possivelmente já douto nas questões da fé (embora seja qualidade maior manter a humildade em relação a elas), agrada mais ouvir um pensamento mais elaborado e mais elevado ou realizar leituras mais profundas sobre o Cristianismo.

No entanto, agir assim faz com que a prédica seja feita com preguiça ou tédio, o que desagrade aos ouvintes. O catequista deve buscar o processo contrário: ele não deve sentir o prazer da leitura isolada que fornece alimento apenas ao seu espírito. Maior glória e alegria ele terá após realizar seu trabalho pedagógico com entusiasmo e alegria. Ele precisa ter consciência de que o caminho que leva a educação dos catecúmenos é um caminho que acabará pisadíssimo por seus passos, mas no qual ele deve conduzir com segurança aqueles e aquelas que depositaram em sua prédica a confiança para realizar a sua conversão.

Assim, se ao catequista aborrece “repetir muitas vezes estórias [sic] comuns e próprias para crianças” (AGOSTINHO, 2005, p. 67) torna-se necessário que ele adapte-as aos seus ouvintes realizando essa tarefa com amor e cuidado, unido a sua plateia pelo coração. Destarte, as histórias parecerão novas a quem ensina também.

Nota-se o cuidado que Santo Agostinho demonstra com o processo de ensino-aprendizagem: o mesmo deve ser feito com “amor fraterno, paterno e materno” (AGOSTINHO, 2005, p. 67) além de exortar ao ministrante dos ensinamentos que ele se esmere no preparo do material utilizado para a educação dos catecúmenos. Não se deve repisar o conhecimento que se tem: ele precisa necessariamente ser renovado, o que exige atenção e dedicação por parte daquele que educa.

À medida que essa técnica é aplicada, o catequista perceberá que, na plateia, desperta por ele um sentimento de simpatia (pois o educando sente o esforço do educador no sentido de realizar o melhor por ele) e assim o processo de ensino-aprendizagem torna-se uma via de mão dupla⁶ e extremamente prazerosa para ambos os lados, denotando aqui a ideia de *voluptas*, ou seja, a alegria no sentido do prazer, do contentamento.

Nesse contexto educacional, o educador se alegra por estar ensinando a verdade, abrindo os olhos de seus educandos para que eles não se “alegrem e admirem ao contemplar obras de humanas mãos” (AGOSTINHO, 2005, p. 68). Ou, dito de outra forma, sua prédica conduz ao caminho da verdadeira alegria, que traz ao rosto sorriso tranquilo e paz de espírito, qual seja ela, a admiração e o louvor a Deus, o grande criador do universo, em quem se encontra o amor mais profundo e a verdadeira felicidade.

É opinião de Santo Agostinho sobre o assunto:

Qual não deve ser nossa alegria quando, para conhecê-lo, os homens se aproximam finalmente do próprio Deus, por quem deve aprender-se tudo o que se aprende? Reviveremos ante a novidade dos fatos e nossa palestra, ainda que habitualmente fria, ferverá. Acresce, para alegrar-nos, o podermos refletir e observar que o homem, morto pelo erro, passa à vida pela fé (AGOSTINHO, 2005, p. 68).

Se o catequista mostra o caminho correto para alguém que está sofrendo, se ele resgata da ignorância ou da ilusão a alma perdida, então ele deve alegrar-se mesmo que atravesse caminhos conhecidíssimos para ele. Tais trilhas tortuosas serão percorridas com gáudio e contentamento, pois o catequista tornar-se-á guia das almas dignas de compaixão as quais, cansadas dos erros deste mundo, salvar-se-ão por meio da doutrina ensinada.

No capítulo XII de seu livro, Santo Agostinho traz à baila um problema que até a contemporaneidade atormenta os educadores: a dificuldade de se continuar falando quando não se vê sinal nenhum de comoção na audiência. Segundo o Bispo de Hipona, esse processo ocorre por duas razões: ou porque o catecúmeno está constrangido pelo temor da religião, ou porque está contido pelo respeito humano, receando demonstrar com qualquer movimento do corpo, a sua aprovação.

Quando o educador se depara com um grupo de catecúmenos que apresenta esse tipo de reação, seu “espírito é indistinto para nós e não podemos examiná-lo; devemos, pois, tudo tentar pela palavra: tudo o que possa despertá-lo e como arrancá-lo do seu refúgio” (AGOSTINHO, 2005, p. 69).

No contexto de um grupo de educandos desse porte, qualquer temor excessivo que eles tenham deve ser afastado de forma branda, sendo permitido assim que eles deem a sua opinião, moderando a sua timidez e fazendo com que o grupo note que está entre iguais, não existindo membros superiores ou inferiores na escala de conhecimento.

Destarte, Santo Agostinho exorta no educador seu papel de articulador e incentivador no processo de construção do conhecimento, deixando claro que

⁶Assim, tanto eles como que dizem em nós o que ouvem, como nós, de certo modo, aprendemos neles o que ensinamos” (AGOSTINHO, 2005, p. 67, grifo do autor).

é seu papel, por meio de técnicas pedagógicas como a persuasão a fala por meio de perguntas, incutir confiança no educando para que este fale sem temor se quiser colocar seu ponto de vista ou alguma objeção.

Entretanto, existe uma dificuldade a qual o catequista talvez tenha problemas em superar, qual seja o fato de que existem catecúmenos que não querem ouvir:

Se o ouvinte é demasiado inepto, surdo e indiferente a tais encantos, deve ser “suportado” misericordiosamente. Pela narração concisa do resto, devem ser-lhe inculcadas as verdades mais importantes a respeito da unidade católica, das tentações, da vida cristã, por causa do Juízo que há de vir. E mais se deverá “dizer a Deus”, por ele, “que de Deus”, a ele (AGOSTINHO, 2005, p. 69, grifo do autor).

Ademais, outro problema de vulto assombra o catequizador: seus ouvintes, cansados de prestar atenção ou de permanecer em pé, começam a dispersar a sua atenção dos ensinamentos ministrados. Assim, é condizente adotar-se o costume de ensinar o catecismo estando os catecúmenos todos sentados.

Santo Agostinho deixa claro que quando o educando começa a sentir enfado, mesmo inicialmente tendo escutado com prazer, quando ele já não mais elogia a prédica, abrindo os lábios apenas para bocejar, faz-se necessária a presença imediata do educador, restaurando o ânimo de quem aprende. De que forma? Assim, ensina o Bispo de Hipona:

Diremos alguma frase temperada com honesta alegria e adequada ao assunto de que tratamos. Algo maravilhoso e estupendo [...] ou aflitivo e lastimável [...]. Algo que diga respeito a ele mesmo para que, picado pelo próprio interesse desperte. Cuidaremos entretanto de não lhe ofender a modéstia com qualquer aspereza, mas atraí-lo com familiaridade (AGOSTINHO, 2005, p. 70).

Observe-se que Santo Agostinho deixa muito claro que um dos instrumentos dos quais se pode fazer uso durante a prática pedagógica é a alegria, elemento que desperta o riso e chama a atenção. Ela serve como ferramenta para despertar no catecúmeno o interesse que estava perdido. Em sendo assim, ela afasta sua mente do cansaço servindo para quebrar a monotonia de uma prédica que gerava enfado e para, a partir dela restabelecer o interesse dos ouvintes na fala do catequista.

Conclusão

Seguindo sua lista de conselhos a Deogratias, o autor de *A Instrução dos Catecúmenos* deixa claro

que as causas pelas quais os que se educam na fé cristã se calam ou se recusam a ouvir⁷ são incertas e difíceis de dirimir. Entretanto, sempre que o catequista observar que sua prédica causa enfado nos seus ouvintes, ele deve dizer algo que venha contra os pensamentos voltados para os negócios do mundo, “ou de forma alegre, como eu disse, ou triste”⁸ (AGOSTINHO, 2005, p. 71).

Entretanto, é importante frisar que essas digressões não são o elemento central do processo de ensino: elas estão fora de ordem, sendo utilizadas apenas como arma para remediar o mal do fastio, o qual não deve aumentar pelo uso do próprio remédio. Seu uso deve ser pontual e abreviado, assim como o próprio ensinamento da catequese, sempre lembrando àquele que ensina que todo o ensinamento deve apresentar um começo, um meio e um fim.

Santo Agostinho também exorta ao catequista que ele exerça seu ofício com o “coração cheio de piedade, e com a mais sincera caridade” (AGOSTINHO, 2005, p. 72). Essa exortação parte do pressuposto de que aquele que educa na fé cristã pode sentir-se por vezes, abatido pelo abandono de alguma outra atividade que lhe pareça mais necessária. Entretanto, o espírito do catequista não se deve enganar: a sua melhor ação está justamente em ensinar o próximo, pois não se sabe que desígnios Deus tem para como próximo. Então, é necessário que:

Organizemos os nossos trabalhos segundo nossa capacidade; se pudermos levá-los ao fim como programamos, alegremo-nos porque a Deus – não a nós – agradou que assim se realizassem. Se porém surgir alguma obrigação imperiosa e a nossa ordem for perturbada, submetamo-nos de bom grado não nos deixando abater: “seja a nossa própria ordem a ordem que Deus antepôs à nossa. É mais justo que nós sigamos a vontade dele que Ele a nossa” (AGOSTINHO, 2005, p. 72, grifo do autor).

Dessa forma, percebe-se novamente que o gáudio em se realizar bem o trabalho do ensinamento das palavras divinas, necessariamente passa pela observação da vontade de Deus em relação ao trabalho do catequista. Cabe ao Senhor ordenar as coisas conforme Lhe agradam e a partir daí traçar Seus planos que são desconhecidos dos mortais, aos quais a maior das felicidades e das alegrias é perceber-se como instrumento de Deus na execução desse plano celestial. Santo Agostinho também

⁷Importante notar que, para Santo Agostinho, o processo de ensino-aprendizagem que constitui a catequese se dá pelo diálogo entre o catequista e o catecúmeno.

⁸Percebe-se pela citação que existe um prisma de equilíbrio entre o uso da alegria/ou da tristeza como ferramenta pedagógica por parte de quem educa. Ambos os elementos podem ser utilizados, desde que afastem o catecúmeno de sua apatia.

declara que o catequista deve afastar de si a tristeza, justamente pela presença do catequizando, pois seu desejo de tornar-se Cristão deve ser motivo de alegria.

Diante das considerações expostas neste artigo, é possível auferir algumas questões relativas ao processo do riso e do risível na Idade Média, bem como em relação às práticas educativas utilizadas por Santo Agostinho para ensinar a catequese.

Primeiramente, há que se auferir se é possível reduzir o riso a um fenômeno cultural único, pois quando o estudioso ou estudiosa se debruça no estudo desse objeto, percebe que ele é constituído de várias facetas, as quais se imiscuem em palavras, conceitos e não somente nas práticas compreendidas como “riso” dentro de seu campo semântico. Segundo Le Goff, as questões que envolvem o estudo do riso “são quase sempre tão diversas que se chega a duvidar de estar-se falando do mesmo assunto” (LE GOFF, 2000, p. 74)⁹.

É importante observar que vários legados culturais construíram expressões e conceitos em torno do riso durante a Idade Média. Dentre eles, o legado bíblico foi um dos mais preponderantes, pois pelo menos até o século XIV a Bíblia continuou sendo o livro de excelência, que respondia a todas as questões: reflexões teóricas e regras práticas dependem dela e partem dela.

Assim sendo, quando se buscava o entendimento sobre um determinado assunto para, a partir dele, formar uma opinião, a Bíblia era o ponto de partida das reflexões. Os intelectuais do período, fossem eles clérigos ou não, partiam do texto bíblico para elaborar dossiês que continham possíveis respostas para os problemas enfrentados pela sociedade medieval. Diz Jacques Le Goff sobre o assunto que:

Esse é um “jogo” muito importante, e é revelador notar que, dependendo da época, certos textos são citados e outros ignorados. É nesse jogo de citações, em dossiês compilados, que a evolução das atitudes culturais relativas a vários fenômenos pode ser percebida. Esse também é o caso do riso (LE GOFF, 2000, p. 75, grifo do autor).

Dentro do contexto observado neste artigo, o que se pretende deixar claro é que o riso possui uma lógica de fundamental importância no que tange ao funcionamento das práticas sociais e culturais de um determinado grupo humano em um determinado

momento histórico, servindo como ferramenta para ações práticas em torno de vários assuntos, inclusive pedagógicas.

Nesse contexto, a obra de Santo Agostinho, *A Instrução dos Catecúmenos*, sintetiza a pedagogia da fé e o que de melhor a Igreja desenvolveu na sua prática catequética em seus primeiros anos de existência. Este texto constitui-se em um documento que se refere à forma como a catequese era ministrada e retoma um tripé no qual se alicerçava a dimensão da prática catequética nesses primeiros tempos: instrução na fé, introdução na oração litúrgica e conversão de costumes.

Neste texto, Santo Agostinho revela sua sagacidade teológica e sua percepção psicológica, orientando pelos conselhos e técnicas a maneira pela qual os catequizandos deveriam ser instruídos. Seu texto é breve e simples, descrevendo maneiras pelas quais se deve conduzir a narração, a arte de exortar e dar preceitos. Ademais, ele ensina como evitar nos ouvintes o cansaço, utilizando-se para isso de ferramentas pedagógicas que envolvem a alegria e o bom humor.

Referências

- AGOSTINHO, S. **A instrução dos catecúmenos**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BAKHTIN, M. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Annablume, 2002.
- BÍBLIA DE ESTUDO Aplicação Pessoal. Versão Almeida. São Paulo: CPAD, 1995.
- BREMMER, J.; ROODENBURG, H. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LE GOFF, J. O Riso na Idade Média. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Ed.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MACEDO, J. R. **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. São Paulo: Unesp, 2000.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

Received on June 16, 2010.

Accepted on October 25, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

⁹O riso é um fenômeno interdisciplinar o texto de Bremmer e Roodenburg (2000), “Uma História Cultural do Humor”, demonstra perfeitamente essa questão, pois ali o fenômeno é analisado por antropólogos historiadores, sociólogos, filósofos, fazendo com que o estudiosos e estudiosas interessados no fenômeno entendam a complexidade desse elemento o qual exige uma abordagem que já foi inclusive assunto da psicanálise pois já contou com a análise de Freud.